

No pulsar da vida

Autora: Cibeles Cristina Pereira Almeida

Zumbido. Escuridão.

— "Sr. Rubens? Sr. Rubens, o senhor me escuta?", uma voz ao longe num subtom quase que aflito, ecoa.

Silêncio. Ausência de diálogo. De repente, um estampido, semelhante ao que se encontra ao fim do mergulho. O ar quente retoma os pulmões. Luz no fim do túnel. Vida pulsante.

— "Sim, escuto!", num murmúrio reclamante de quem foi acordado de um sono transformador, reluto ao responder, ainda que mantivesse os olhos semicerrados, como que para aproveitar aqueles últimos instantes de paz. Sim, era uma paz ensimesmada, mas não deixava de ser confortável.

— "Pode abrir os olhos?", aquele insistente interlocutor segue a me chamar. Naquele breve instante, penso entre abrir ou não. Aceito. E para alívio de vários pares de olhos que se amontoavam ao meu redor, abro.

Esse foi o dia de meu renascimento. Ao menos é o que dizem os médicos. Claro, poupei os contratempos de inúmeros momentos em que eu nem mesmo me lembro de ter me mantido vivo. Diagnóstico: tenho um coração acelerado pelos compromissos da vida. Sim, não é tão poético assim, mas poderia ser. Um misto de arritmia cardíaca, num ballet invisível e ritmado com os excessos. De afazeres, de comidas não saudáveis e de um trânsito sem fim para qualquer lugar que eu tenha que me deslocar. Isso sem falar na tal da ansiedade. Da vontade de correr e acelerar a vida semelhante ao modo 'vezes dois' do transmissor de mensagens no celular. Quem me dera poder acelerar tudo. Acelerar até mesmo todo esse contexto inicial que trago desse pequeno trecho de minha vida. Tá bem, não é um trecho tão pequeno. Mas, se acalme. Vou contar com mais detalhes.

Cresci um sonhador. Daqueles que sonhavam em conquistar o sustento proveniente da terra. Que não cairia nas garras do capitalismo. Ah, sim. Um sonhador, não é mesmo? Era isso que o menino, que visitava o interior aos finais de semana, almejava. Mas entre os delírios infantis e a juventude avassaladora, fui consumido pela sedução da cidade grande. Eram inúmeros compromissos, sempre foram, na verdade. Aquele vai e vem da cidade que nunca dorme se apoderou de minha personalidade, como que se circulasse em minhas veias. Enfim,

nós não dormíamos. Eu e a cidade, aproveitando cada raiar de tempo. Assim os anos passaram, os compromissos aumentaram, o casamento chegou, filhos, genros e noras, quanta gente! Um superlativo de tempo, de presença (e ausência), num vai e vem sem fim de falta de tempo. Até aquele fatídico dia em que tudo parou. Aos 52 anos, meu coração arregou. É, não deveria culpá-lo. Talvez lá dentro - não entre os átrios e ventrículos -, mas na parte que tange os sentimentos, eu mesmo já tinha desistido. Numa postura de um corredor que chega na bandeirada final, no cansaço de um corpo que pedia por desacelerar. E o que eu fiz? Ignorei todos os sinais. Mas meu corpo, não. É assim que inicio a segunda porção de minha vida, por mais que digam que já estivesse me encaminhando para a terceira, a chamada terceira idade.

O médico foi claro: "desacelere!". Tive que refazer toda a minha rota. Alimentação saudável, exercícios, autocuidado, corpo e mente são. Ufa, não era bem esses afazeres que me satisfaziam. Até aquele momento. Foi numa busca rápida que encontrei um clube, um local em que poderia viver em comunidade e me reencontrar naquele menino sonhador. Tinha bola, academia, piscina, eventos de convivência e até boliche. Nem falei sobre os arraiolos que me remeteram aos trabalhos manuais que tanto vi minha vó tecer na varanda da chácara. E foi nesse momento que descobri o que tanto perdi da vida. E que só pude retomar graças a uma golfada de ar e uma teimosia de viver que me mantiveram por aqui.

Sim, ainda sigo na selva de pedra. Mas, agora, sou eu quem a domino. Eu que paraliso as horas e o tic tac da vida que não devia parar. Eu escolhi me priorizar. Eu me escolhi. E agora equalizo todo esse pacote de ações e vida pulsante me colocando no centro. Eu e minha família, claro. Porque um dia eu me distanciei do que realmente importava. E já que o roteirista da vida me deu uma nova chance, usarei cada novo fôlego dessa nova vida para pulsar pelos novos caminhos.

"Seja bem-vindo, Sr. Rubens. Esse é o seu recomeço". Foi o que me prometeu o médico intensivista que me salvou. Do infarto e de mim mesmo.